

**le ne fay rien
sans**

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

**Ex Libris
José Mindlin**

AMADEU AMARAL

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)



A PULSEIRA DE FERRO

RMF-920

Num. 1

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

1\$000

A NOVELLA NACIONAL

Dirigida de Amadeu Amaral da Academia Brasileira.

COLLABORADORES: Afranio Peixoto (da Academia Brasileira), Monteiro Lobato, Gustavo Barroso, Valdomiro Silveira, Claudio de Souza, Léo Vaz, Menotti Del Picchia, Hilario Iacinto, Cornelio Pires e outros.

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quais se mira ao seguinte fim: — oferecer a melhor literatura, sob a apresentação mais artística, ao preço mais barato possível. Para alcançar esse triplice objectivo, que se pode resumir no lema: **LIVRO BOM E BONITO AO ALCANÇAR DE TODOS**, pedimos a disposição dos autores e do publico toda a nossa boa vontade, e pedimos a igual, tanto a uns como aos outros.

Aos primeiros, como aos segundos, não serão indiferentes os benefícios que de iniciativas desta ordem podem advir: maior divulgação da boa literatura e maior estimulo á litteraria das massas populares. Para obter tais resultados, era preciso um intermediario: o editor que buscase os meios de por o livro ao alcance de todos, evitando, porém, o grosseiro recurso das edições mal compostas, mal impressas, sem requizos de elegancia, sem traço de arte, não só porque o livro materialmente mal feito é livro que repugna a muita gente, como também porque se torna um dos terríveis agentes da propagação do mau gosto, entre aquelles que o toleram. Essa intermediaria, nos pretendemos fazer, e esta série de pequenas nobelias é o nosso primeiro ensaio nesse caminho.

Em termos precisos e ordenados, a presente collecção obedecerá as seguintes normas:

O TEXTO — Constará este, em cada volume, de uma curta novelia, a cujo autor deixamos completa liberdade de concepção e execução, ao exigindo que a novelia possa entrar em toda parte, sem o menor inconveniente.

OS AUTORES — Os autores serão, de preferencia, escriptores já notoriamente conhecidos. Entretanto, não recusaremos a contribuição dos que ainda não alcançaram maior notoriedade, e ate dos inteiramente desconhecidos. Se a obra tiver valor, se merecer entrar em contacto com a classe disposta a tomar grãas do publico, nestes torneios flôres da intelligencia, não vemos porque não deya ser incluída na collecção. Ao contrario, teremos grande prazer, se pudermos cooperar para que se affirme alguma nova personalidade brilhante, para maior gloria das nossas letras. Nestas condições, estamos prontos a receber os originaes que nos quizerem enviar para examinar.

O VOLUME — Conterá cada um de 63 a 83 paginas, no formato de 12 X 12 centimetros, em bom papel, com illustrações de verdadeiras artistas, e não de protopostos artisticos ou de curiosos.

ORDEN DA PUBLICAÇÃO — Aparecerá, approximadamente, um volume por mez, o qual será exposto á venda, ao mesmo tempo, em todas as livrarias.

O PREÇO — E de dez reales por volume, o mais barato possível, nas actuaes condições da industria typographica, com a carência do papel e da mão de obra, e com a necessidade, tão essencial como qualquer outra, de retribuir, embora modestamente, uma "deverá", o trabalho dos autores e illustradores.

Essa obra clara e facilmente exposta o nosso programma, para todos que nos queiram trabalhar connosco, e para o publico a quem desejamos sinceramente servir e cujo favor impetramos.

OS EDITORES

A seguir:

OS NEGROS

por Monteiro Lobato

AMADEU AMARAL
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

A PULSEIRA DE FERRO



SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO
RUA DIREITA N. 27 SOBR. — SÃO PAULO — 1920



Amadeu Amaral

Amadeu do Amaral Penteadado nasceu em Capivary (Estado de São Paulo), em 6 de novembro de 1875. Além de numerosos trabalhos esparsos, publicou em volume: «Urzes» (1899), «Névoa» (1910), e «Espumas» (1917), todos de versos; «Discurso» de recepção na Academia Brasileira (1919), «Letras floridas», conferencias literarias (1920), «O Dialecto Caipira», estudo da linguagem popular paulista (1920), esta ultima a sahir do prelo. Na Academia Brasileira occupa a cadeira de Gonçalves Dias, como successor de Olavo Bilac. Algumas fontes para o estudo da sua personalidade literaria: Medeiros e Albuquerque, «Paginas de Critica», Rio, 1920; J. A. Nogueira, «Um poeta philosopho», estudo publicado n' «O Estado de S. Paulo», tres numeros, dezembro de 1917; Vicente de Carvalho, artigo sobre «Névoa», n' «O Estado de S. Paulo», novembro de 1910; Osorio Duque Estrada, artigo sobre «Névoa», no «Correio da Manhã» do Rio; João Luso, artigo no «Jornal do Commercio», do Rio, de 27 de janeiro de 1918; Fr. D. Lumini O. S. B., artigo na «União», do Rio, de 9 de agosto de 1919; Tristão de Athayde, «A vaga de Olavo Bilac», no «Jornal» do Rio, agosto de 1919; Washington Mello, artigo n' «O Estado de S. Paulo», edição da noite, de 27 de outubro de 1919; Brenno Ferraz do Amaral, artigo n' «O Estado de S. Paulo», edição da noite, de 14 de novembro de 1919; João Pinto da Silva, artigo na «Federação», de Porto Alegre, de 18 de novembro de 1919; S. d. Mendonça, «Uma nova expressão de arte», estudo publicado na «Revista do Brasil», de São Paulo, 1919; Aristeu Seixas, «Um poeta», brochura, São Paulo, 1911; Alberto Nogueira, «Amadeu Amaral» folheto, São Paulo, 1919.

do caso e brilhante José Binto
de Lira,

Amorim

Outro.

PROLOGO

A verídica historia que ^{de}ides ler (lel-a-eis?)
poderia resumir-se em cinco paginas, ou ainda
menos. Acredito, porém, que a todas as historias,
succedidas ou inventadas, o mesmo acontece. Ac-
resce que, se uns as preferem breves, outros as
preferem longas, bem longas... E' que ~~uns~~ ^{uns} amam ^{enormes}
nas historias as proprias historias, e não querem
dellas senão o que pedem á musica — um pouco
de esquecimento e de embriaguez.

De seu lado, o oleiro nem sempre pode ter
mão á roda (como lá diz padre Lucena) para que
o vaso não saia maior de seu direito. E que im-
porta, afinal, que a bilha seja grande ou pequena,
se, de qualquer modo, é sempre enorme quando
não se precisa della, e sempre minúscula para
matar mais que a sede de um dia?

Os casos narrados passam-se numa localidade
da roça, e porisso a narrativa leva uns esporulos

e uns espinhos nos vestidos e um pouco de barro nos sapatos. Não houve, entretanto, intenção regionalista. Nem houve outra qualquer intenção, a não ser a que move todos os contadores desinteressados de historias, desde as boas negras velhas, que as contam á beira dos berços, até aquelles que piedosamente as contam á beira dos leitos mortuorios.

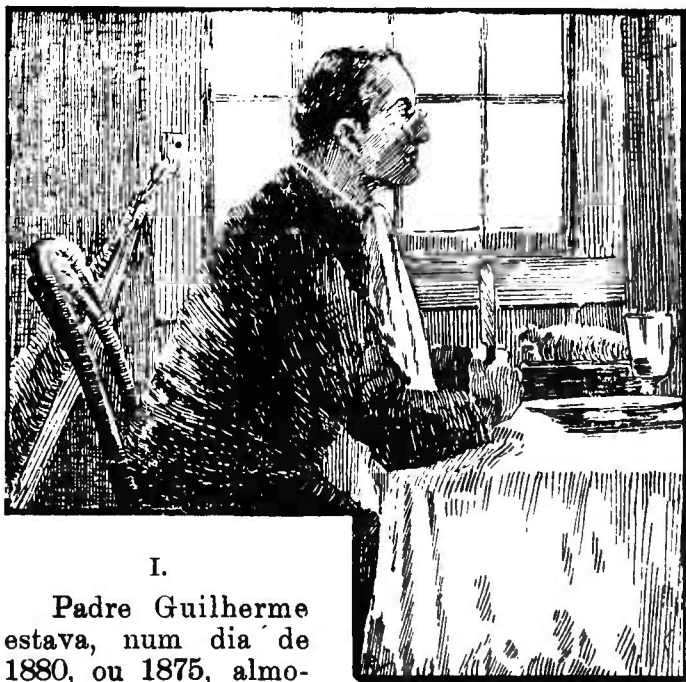
Sobre o vocabulario e connexas particularidades de technica, convém observar que, em geral, se empregam aqui os termos na sua corrente accepção brasileira, ou antes, paulista, assim como se arranjam e dispõem segundo a consonancia e uso da terra onde o autor conheceu a lingua e a vida.

Agora, adiante.

* * *

... Era uma vez um vigario da villa de Candeias, chamado Guilherme de Menezes, — boa pessoa, coitado! mas pouco esperto e bastante sentimental...





I.

Padre Guilherme estava, num dia de 1880, ou 1875, almoçando, socegradamente, diante da janella que dava para o quintal, toda enramada de madresilvas, na sua varanda caiada e casta, quando o vieram chamar para um baptisado.

— Já vou, respondeu, sem levantar a cabeça ao sacristão que o aguardava á porta da sala com o seu ar de velho animal de sella.

— “Seu” vigario, elles “tenham” muita pressa, porque a criança está passando mal.

Padre Guilherme ergueu a cabeça, a olhar por cima dos oculos de aro de prata; e com a sua voz cantada, meio fanhosa:

— Mal? Doentinha, não é?...

— Diz que.

O vigário vinha cortando ao meio um oloroso assado, que a Rosa, momentos antes, puzera sobre a mesa na propria caçarola, ainda a chiar e a borbulhar. Largou, com resignação tranquilla, a faca e o garfo em cima da carne, foi á “estaqueira” cravada na parede entre o guarda-louças e o relógio de armario, tirou de lá o chapéu e o guarda-sol, e seguiu o chouto encolbido e bamboante do sacristão.

Descendo a escada para a rua, dizia o vigário, com um sorriso meio jovial, meio triste, para o sacrista que ia na frente:

— E a coitada da Rosa, que entendeu de festejar a sua volta a minha casa depois da doença e estava preparando, com tanto gosto, para o meu almoço, umas coisinhas diferentes... Esta coincidência!

A cabeça grossa do Chicão, meio sumida nos hombros, sob a tampa do chapéu de abas largas, fez uma ameaça de rotação para o padre, enquanto o homem rosnava, numa risada molle:

— Não faz mal, seu vigário. Aminhan ella arrepete os guizados.

— Julga você então (tornou o padre com uma leve censura na voz), julga você então que eu lamento perder o almoço? Não, Chico, o que eu lamento é que a pobre da Rosa perca o trabalho que teve para me ser amavel, comprehendeu?

— Anh!... grunhiu Chicão, já na rua, espe-

rando o padre com um sorriso pôdre no carão amarello.

Padre Guilherme sabia que era inutil querer trocar idéas, corriqueiras que fossem, com o seu sacristão. Bom homem, coitado! mas (como costumava explicar o sacerdote na sua linguagem polida e candida) "baldo de intellecto". Entretanto, gostava de lhe falar. Tinha uma infinita paciencia para com as suas incomprehensões monstruosas. Insistia, repetia-se, explicava-se, embora os "ahn!" e os "uhn"! do Chicão lhe estivessem a mostrar que tudo isso era baldado. O que o padre queria era falar. Obedecia a um impulso profundo da sua natureza communicativa e doce. Gostava de anotar em alta voz, para si e mais alguém, o que lhe passava por dentro; e, na falta de interlocutor, não raro o surprehendiam a falar só comsigo.

— Entendeu devéras, Chico?

O sacrista, já mergulhada de novo a mioleira na sua pesada somnolencia habitual, ao chouto molengo e balançado do corpanzil, teve um vago sobresalto e gaguejou, na sua risadinha de papo:

— Eh, êh... Como é, seu padre?

— Pergunto se entendeu o que eu lhe disse sobre a Rosa.

— Eu? Eu entendi, sim, senhor.

— Você já estava pensando que eu sentia ter perdido o almoço. E' para se vêr como a justiça é estranha a este mundo! Você, que me conhece, que vive commigo ha seis annos, ainda não tinha reparado que eu nunca fiz questão de

comida — tendo você oportunidade, quasi todos os dias, de vêr isso com os seus olhos. Bastou uma palavra minha, mal comprehendida, para immediatamente me attribuir você um acto que ia de encontro a todos os habitos do meu espirito e do meu corpo...

Chicão nada entendia do que estava a dizer o padre, mas já se acostumara a essas tiradas, e limitava-se a sorrir, arregaçando os beiços grossos sobre as gengivas roxas, de onde emergiam lascas rochosas de dentes. Para o vigário, conversar com elle era apenas uma certa maneira de monologar: e se ás vezes insistia assim com o sacrista, não fazia senão empregar um recurso energico para se obrigar a uma reflexão. Entre os dois estava tacitamente convencionado que o padre falaria sempre e o sacristão entraria para o dialogo unicamente com uns guinchos, uns acenos de cabeça e uns esgares de intelligencia, aliás bem pouco intelligentes.

Quando se avizinham da egreja, padre Guilherme recommendou ao sacristão que fizesse entrar a gente na sacristia. Chicão deixou o vigário junto á porta lateral e dirigiu-se, por fóra, no seu trotezinho torto e molle, para a parte fronteira do templo.

O padre entrou para a sacristia enxugando a testa. De caminho, deu a mão a beijar ao Vito, molecote que era seu afilhado, posto de guarda á egreja na ausencia do Chicão. Puxou uma gaveta, extrahiua della o livro dos assentamentos, abriu-o em cima de uma mesinha de

pinho coberta com um panno de ramagens, e poz-se a examinar lentamente a ponta da penua contra a unha do polegar. Depois, embebeu-a no tinteiro, deixou-a lá espetada e, voltando-se para o Vito, já sentado sobre a larga borda de uma das janellas, uma perna encolhida e a outra pendente ao longo da parede :

— Então, Vituca, você já criou juizo ?

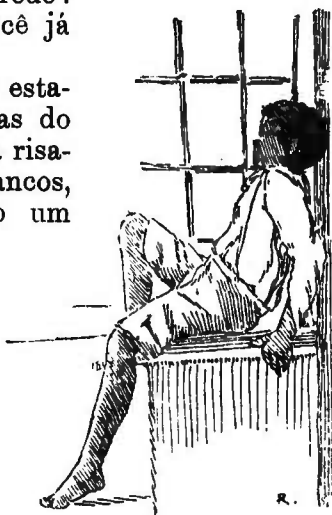
O rapazinho tambem estava affeito ás brincadeiras do padre, e limitou-se a uma risada nos dentes muito brancos, franzindo a testa como um macaco.

— Você não acha que eu levo uma vida muito divertida aqui em Candeias ?

O negrinho, voltado para o largo, entretinha-se até o esquecimento de si mesmo a seguir com a vista, pela copa de uma figueira proxima, muito redonda e muito verde, o vultozinho inquieto de um sanhaço.

Padre Guilherme sorriu de leve, e suspirou depois, com uma melancolia tão suave que era quasi uma volupia. Applicou por um momento o ouvido, para receber os sons que chegassem do interior da egreja, e em seguida :

— Ora esta! E essa gente que não apparece !...



De longe, lá dos lados da frente, vinha rolando pela nave deserta, mergulhada em sombra e em silencio, um vagidozinho apagado. Padre Guilherme levantou-se, foi até o arco da nave, a mão em concha sobre os olhos:

— Olá! Oh Chico!

— Já vae.

— Então?

— Já vae. Não vê que...

— Que é dessa gente?

— Foram-se embora

— Embora!...

E Chicão aproximou-se do padre attonito com uma criancinha nos braços — um cafusete de cinco dias, envolto em trapos de algodão e de chita, com uma chupeta de panno na bocca.

Explicou que achara o pequerrucho largado atrás da porta. Olhara em redor, espiara por todos os cantos, por dentro e por fóra, chegara mesmo até a venda do Anastacio, alli ao lado, e nada! Os "taes" eram dois, um homem magro e uma rapariga fula, que o Chicão não conhecia, que nunca vira, e desconfiava que não moravam na terra.

Padre Guilherme ficou a esperar, sem saber o que pensasse daquillo. Afinal, decidiu-se: levava a criança e entregava-a á Rosa, que a alimentasse com mammedeira. O dono do recém-nascido, se tivesse de apparecer, procuraria o vigario, ou o sacristão. E se não apparecesse, depois se veria.

E assim fez. Chicão entregou o pequeno fardo ao Vito, consignado á cozinheira, e lá fo-

ram os quatro pelas ruas de Candeias, o moleque á frente, o padre logo atrás, com o seu grande guarda-sol aberto sobre o recém-nascido, e por ultimo o sacristão, choutando no seu passo molle e torto, como alheio a tudo. Os raros transeuntes com que cruzavam faziam reverencia ao padre e ficavam olhando de esguelha, intrigados. Ao passarem pela botica do Felisberto, este, lá de dentro, enfiou um olhar fureteante sobre o grupo, franzindo o focinho, e veio para a porta contemplar a caravana, até que ella se engolfasse atrás da esquina. Afinal o grupo chegou á casa do padre, perdeu-se lá dentro o choro da criança, dois ou tres basbaques parados nas immediações resolveram fechar a bocca e dar de pernas, — e tudo recahiu numa paz alagartada sob o diluvio do sol causticante.

II.

O dono da criança não appareceu, e padre Guilherme deliberou ficar com ella.

No dia seguinte, estirado na rêde, em mangas de camisa, prompto para a sestazinha quotidiana, o vigario pensava que talvez fosse coisa providencial aquelle intruzinho de cinco ou seis dias, que se lhe atravessava no caminho. A vida lhe corria tão monótona e tão pobre de affectos em Candeias! Teria agora um ente a quem se devotasse com ternuras de pae. Queria bem a muita gente, era verdade, e dedicava-se quanto podia a todo o rebanho — mas era coisa differente. Visitava enfermos e sãos, repartia a mancheias

consolações e esperanças, acarinhava as crianças e os humildes, confortava os velhos e os tristes, e fazia tudo isso com o coração nos olhos, nos lábios, na ponta dos dedos abençoadores; mas tudo isso era apenas bondade, fruto piedoso de uma alma bem criada, que se cansara mortalmente só de percorrer com a imaginação a insondável maldade dos homens e a infinita estupidez da vida. Faltava-lhe o amor que é só amor, coisa diversa da bondade, amor de animal pelo filhote a que não são estranhos nem os jacarés estúpidos nem os gaviões rapaces. Ia ter agora um filho, um filho quasi de verdade, a quem se poderia dedicar de um geito muito especial, bem pessoal e bem profundo... E padre Guilherme, sorrindo, sentia lá por dentro a musica nova de uma paternidade inesperada.

A criança repousava no regaço da Rosa, somnolenta, chuchurreando machinalmente a chupeta. De quando em quando, vagia baixinho, e o padre levantava a cabeça, á escuta:

— O' Rosa, porque é que elle está chorando?

— A'tôa, seu padre; porque é chorão.

Dahi a pouco:

— O' Rosa, não falta nada para esse pequeno?



— Não falta, respondia a mulata lá de dentro, abafando o riso na mão collada á beizaria. E comsigo : — O que é que havia de faltar, já se viu !

Padre Guilherme estirou-se mais na rêde, cerrou os olhos sob o braço dobrado por cima da cabeça, e dormiu. A hora era propicia. Dentro, silencio completo : a criança resonava, a Rosa entrara a cochillar. Fôra, só a chiadeira terebrante das cigarras, sob a curva do céu limpo, e ao longe, um retinir sacudido de malhos sobre a bigorna, na tendinha do Totico. O vigario dormiu beatificamente, a bocca meio aberta, arrancando do gôto, de quando em quando, um ronco arrastado e feroz.

Sonhou com a criança, segundo confessou no mesmo dia ao bacharel Velloso, seu companheiro das palestras vesperaes á frente da casa, sobre a calçada. Sonhou que o pequerrucho morrera, já homem, engasgado com a chupeta, e que a Rosa e o sacristão o esquartejavam, no largo da Matriz, com auxilio do Vito, que ria nos dentes brancos e fazia visagens de macaco satisfeito. Accordou sobresaltado, suando, com as mãos enclavinhas nas franjas da rêde, a bocca aberta e secca. Olhou em tórno, poz-se á escuta. O silencio era uma grande lagôa dormente, no meio da qual o padre vigiava, como numa ilha ; e, semelhante aos frisos e arrepios que um ventinho brincalhão põe na superficie das aguas paradas, chegava da cozinha um arruido rythmado, surdo e monótono — era a Rosa a aventar o

feijão numa peneira, para o dia seguinte, sentada com todo o corpo na soleira alta da porta que dava para o quintal. Em baixo da rêde, enrodilhado sobre os chinellos do padre, ronronava o seu gatarrão favorito, o "Chibante", luzidio, placido e mimoso como um peccado. Na sua gaiola á janella, perto da mesa de jantar, entre as sombras leves das madresilvas, o papagaio cabecceava; e, fóra, um casal de borboletas amarellas ia e vinha, revoluteando, bailando a uma musica que só ellas ouviam, na bocca do tunel verde formado pelo estaleiro das abóboras.

III

Passaram-se doze ou quinze dias, e o dono da criança não appareceu. Padre Guilherme indagou, matutou, rastreou indicios e nada adiantou.

A unica testemunha conhecida era o Chicão, que fôra quem falara, na egreja, com os portadores da criança: mas o Chicão era um semidemente (dizia o padre), não sabia senão repetir as duas ou tres coisas vagas que dissera no primeiro dia. O Vito ignorava tudo: declarava que, na hora em que "os taes" estavam a falar com o sacristão na frente da egreja, elle andava a varrer a "sancristia" e de lá não sahira até que o padre chegasse. A opinião da Rosa concordava com o depoimento do sacrista: aquillo foi arte de gente que queria engeitar o "provezinho" e, isso feito, raspou-se por esses mundos de Deus. O que tudo sommado, ficou o padre, de pedra e cal, na intenção de adoptar o pequeno

por filho. Levou-o á pia nos braços da Rosa, todo embonecado no seu comprido vestido branco, a touca ataviada de fitinhas azues, fechando-lhe, como a casca de uma semente grossa, a cabecita redonda e côr de cúia.

A escolha dos padrinhos, e com ella todas as minucias do acto, foram amorosamente pesadas e repesadas pelo padre. Antes de tudo, a fixação do nome. Na vespera, padre Guilherme chamou a Rosa á sala de jantar e, communicando-lhe que no dia seguinte se baptisaria o menino, consultou-a, numa doce complacencia :

— Diga-me uma coisa: que nome você lhe poria?

A Rosa sorriu enleada e lisongeadá pela attenção, e, afinal :

— Não sei, não, senhor.

— Ora, diga lá, vamos a ver.

— Tubia! ejaculou a mulata muito depressa.

— Tobias? Sim, não é mau nome... Mas não se lembra de outro?

— Migué!

E o padre repetia o nome, olhos no ar, como se lhe estivesse a tomar o gosto :

— Miguel... Miguel...

— Venanço! Purfiro! Benedicto!

— Espere, espere. Porque não lhe havemos de pôr o nome do Chicão, coitado! Além do mais é uma homenagem que presto a esse bom amigo de tantos annos, tão fiel, tão bonachão...

— Ih! "seu" padre, Chicão é muito feio.

— Chicão não é nome, mulher, Chicão é Francisco, Franciscão.

— Eu sei, mas pensava...

— E você nem sabe que o nome do Chicão não é Francisco! Chicão era o pae, e a alcunha passou ao filho. Foi a unica herança, além daquelle cabeçorra de moganga, que o Chicão velho lhe deixou. Seu nome de baptismo é Mathias.

— Mathia é bonito...

— Pois prepare o nosso Mathiazinho para amanhã, ás 9 horas.

Padre Guilherme deu umas passadas pela sala, preocupado, o beijo superior entalado entre os dentes, as mãos enclavinadas uma na outra, a estalar os dedos. De repente, parando:

— Rosa, você que acha?

— "Seu" padre...

— Eu tinha pensado em escolher S. Benedicto para padrinho do rapaz. Acontece, porém, que eu também tenho vontade de o ser... Não lhe parece que o santo pode ficar zangado?

— Acho que não. Santo não se zanga á toa. Porisso mesmo é que é santo.

— Você fala como uma theologa, Rosa. Bem, o padrinho sou eu. E a madrinha, Rosa? Não pensa que deve ser Nossa Senhora das Candeias?

Não hai madrinha mió, seu padre.

— Sob o ponto de vista mundano, haveria, talvez...

A cozinheira não comprehendeu, mas o padre não insistiu.

— E as roupinhas, Rosa? Estão promptas as roupinhas?

— Nha Maruca prometteu entregar hoje de

tarde o vestidinho e os sapatos. Depois da "janta" vou lá. A touca já está ahi. O senhor já viu, não já?

A' tarde, a Rosa "foi lá" e voltou sem o vestidinho e sem os sapatos: faltava pôr uns laços ao primeiro e rematar os segundos: juraram mandal-os no dia seguinte bem cedo. Padre Guilherme irritou-se:

--- O diabo queira lidar com costureiras! Essa droga devia estar aqui ha tres dias! Espere, que eu vou ver isso.

Envergonhou a batina, pegou o chapéu, pôl-o meio atravessado, enfiou o guarda-chuva em baixo do braço, e ia sahindo em chinellos.

Advertido pela cozinheira, concertou o esquecimento, meio envergonhado, e partiu ardendo em ancia, mas fingindo perfeita calma.

— Eu vou lá. . . Preciso mesmo falar alli com o Evaristo da loja. não custa.

E sahiu, com as mãos nas costas, e de vagar, como quem não tinha pressa.

No dia seguinte, o baptisado fazia-se á hora designada e, de volta, padre Guilherme não poudo conter-se que não pegasse numa das mãozinhas do pequenito, e não a levasse aos labios espiçados em bico, num beijo sonoro.

— Vocês sabem? — disse elle á Rosa e ao Chicão, na sala de jantar, a descalçar os sapatos.

— Eu só não gostei de uma coisa: o pequeno não chorou ao levar a agua fria no côco... Dizem que é mau. Vocês que acham?

— Qual, "seu" vigario! eu não acredito

nessas historias, — disse a Rosa, muito firme, num muxoxo.

E o Chicão sentenciou, com a mesma superioridade serena:

— Tem muito tempo “pra chorá”, “seu” padre!

IV

“Tem muito tempo para chorar, seu padre!” — repetia, depois, o vigário, corrido da sua expansibilidade pueril, diante da sensatez pausada e sentenciosa de Chicão.

Entre os dois, entre o homem bem nascido e bem criado, o sacerdote, o ledor infatigável de letras sagradas e profanas e o caboclo analfabeto e simplório, quem tivera, em toda esta occorrença, uma palavra de sabedoria — fôra o caboclo. Elle padre só dissera e fizera tolices (pensava): procedera como uma criança grande, que, tendo ganhado uma boneca, crepitasse toda numa alegria meio ridícula... Sentia-se humilhado.

Lembrou-se, porém, de que Christo buscara os seus apóstolos, não entre gente douta, mas entre pescadores ignorantes, porque a simplicidade e pureza de coração estão muito mais perto da sabedoria do que a sabença. Provavelmente o Chicão se ia approximando da sabedoria, sem esforço, a custo de santa simplicidade — e padre Guilherme se consolava a pensar que o Chicão ia talvez ficando sabio, mas sem deixar de ser idiota. Tudo isto elle o pensou meio confusamente, em todo o caso de modo bastante a aplacar a magua da sua vaidade.

Mais tarde, em palestra com o dr. Velloso, trouxe o caso á balha, e com elle a reflexão feita. O bacharel concordou com o padre em achar curioso que a imbecilidade do sacrista pudesse ter engendrado aquella phrase razoavel, tão a tempo ; divergiu, porém, no commentario.

E' certo (disse) que a sabedoria póde falar pela bocca da simplicidade. Concede-se um estado de humildade profunda, de ausencia de paixões, de esquecimento de si proprio, de brandura e nudez de alma, em que o individuo, parecendo baixar á inconsciencia, roce devéras a genialidade — e, nesse estado, sem o querer, e sem o saber, diga palavras de perenne belleza. Mas Ruysbrock, o Admiravel, não é precisamente um producto vulgar, como os homens de talento e as senhoras caridosas.. O que se vê, commumente, é isto: de tal natureza é a opposição entre os espiritos rasteiros e as almas direitas e nobres, que, quando estas se abandonam um pouco, e se deixam apenas viver, até os idiotas e os marotos se tornam sabios, só para as humilhar.

V

O pequeno operou uma revolução na vida do padre : horas de dormir e de levantar da cama, de rezar, de comer, de ler, de passear, de fazer visitas, de jogar o “écarté” e a bisca, todas ellas soffreram modificações, umas augmentadas, outras diminuidas, quasi todas deslocadas um pouco para trás, ou um pouco para diante. A vida, o coração, o espirito do padre, tudo fôra abalado e

revolvido pelo encontrão daquelle brutinho de seis dias. De manhã cedo, o primeiro pensamento era para elle, e quasi sempre tambem a primeira palavra. Durante o dia não minguavam os cuidados e os zelos: e á noite, antes que a Rosa partisse para a sua casa, nos fundos, o vigario ia acariciar mais uma vez as bochechas abaçanadas do pequerrucho, dizer-lhe um gracejo e abençoal-o com os seus longos dedos afieitos á prece.

Uma tarde, sentado á porta com Velloso, este lhe estranhou, na sua fala aqs snpetões, tanta mudança.

— Padre, você anda muito preocupado com esse negrinho.

O vigario achou o termo pouco delicado e engrolou umas evasivas:

— Não, não Preoccupado porque? Ora essa

— Anda, sim, padre. Pois eu acho que faz muito bem: é mais uma obra de caridade que você executa, além de tantas.

— O pequeno precisava de alguém que olhasse por elle.

— Sim, precisava. Mas parece-me que não havia de faltar quem disso se encarregasse, ahi pela villa, — alguém com familia, com outras facilidades para lidar com uma criança. Você está-se sacrificando sem necessidade. Olhe, já bastava essa pobreza por ahi, que você soccorre, essa mulherada velha que você visita e a quem dá de comer, as engorovinhadas criaturas pelas

quaes, namorador incorrigível, você se consome todo em cuidados.

O padre mexia-se na cadeira e resmoneava coisas incompreensíveis: “Não qual! ora!..” — e tentava desconversar; mas Velloso esganiçava-se, inflexível no seu dever de amigo, o indicador espetado e os pequenos olhos cômicos de cinza arregaladinhos entre os refegos das palpebras:

— Não, senhor, é isso mesmo! Você deve dar essa criança a alguma família. Dê-a a uma dessas famílias pobres que você ajuda. Uma mão lava a outra.

— Sim, sim, havemos de ver. Por enquanto ella vae bem com a Rosa, que mora aqui perto..

— Dê-me licença para discordar. Fica ahi, não é? Está você com uma pensão de todo o momento, ahi ao lado. E — quer saber? — isso nem mesmo se coaduna bem com o seu caracter de sacerdote.

Aqui, padre Guilherme teve um estremecimento de revolta.

— Ah! isso não!.. isso não! .. Ao contrario, Velloso, ao contrario, o meu caracter de sacerdote é mais uma razão para eu conservar o pequeno. Foi abandonado na igreja. E' filho adoptivo de Deus, isto é, duas vezes filho. E, demais, se eu não fizer esta caridade, quem ha de fazel-a? Eu, padre, tenho de ser bom por profissão

Velloso, no fundo, falava menos por interesse pelo bem do amigo do que por se sentir roubado

pelo intruzinho. Velho solteirão sem parentes, com poucos amigos, hospedára o padre em casa, quando elle chegára a Candeias, seis annos atrás, e ficaram ligados por uma affeição constante, tendendo ás commodidades e aos exclusivismos de um egoismo a dois — mais porém da parte de Velloso. Estava habituado áquellas longas conversas rarefeitas e erradias, tão pacificas e cordiaes, á porta do padre, e, depois dellas, quando escurecia de todo, ao “écarté” sobre a mesa de jantar, á bisca em companhia de outros camaradas, o juiz, o agente do correio. A perturbação que o pequerrucho trazia a essas coisas todas irritava-o.

Diante do rompante com que o padre se defendera, calou-se e, a sacudir uma perna sobre a outra, recostado na cadeira, olhos perdidos no ar, poz-se a assoviar a musica do “Pereira de Moraes”:

Onde vae, “seu” Pereira de Moraes?
Quando vae não volta mais...

Houve um silencio. Padre Guilherme temeu ter maguado o velho amigo. Compôz um semblante despreoccupado, accendeu um cigarro e, depois de uma baforada longa e um longo sorriso, com voz meiga:

— O’ Velloso, você ás vezes não se arrepende de não ter casado?

— Não.

— Oh! Velloso, seja sincero!

— Não me arrependo. Viver sózinho já é penoso, imagine agora viver com dois, com tres...

por dois, por tres. harmonisar isso tudo, e desdobrar-se por isso tudo! .. Nada.

— Mas isso é egoismo, oh Velloso!

O bacharel fez um gesto de resignado assentimento, continuou a trautear o “Pereira de Moraes” e, de repente :

— Mas eu sou de facto o typo do homem egoista! Egoista é todo aquelle que não faz muito caso de si mesmo nesta vida. E’ o individuo que se retráe, se obscurece, se diminue, e vem rolando por ahi... sem se atravessar no caminho de ninguém, não fazendo ninguém soffrer, nem sequer por lhe revelar os proprios soffrimentos só, só neste mundo, ou então com dois ou tres amigos apenas, aos quaes não pede senão um pouquinho de sympathia, um cigarro de vez em quando, e dois dedos de prosa

Velloso tinha um sorriso triste entre a barba grisalha. Acabara de pintar o proprio retrato com a volupia rascante de quem se machuca por gosto. Depois, pretextando autos a arrazoar, despediu-se. De vagarinho, como de costume, engolfou-se na noite, curvado, arrastando o pé e batendo com a ponta da bengala na beira da calçada.

VI.

Dias depois, voltando de uma audiencia do juiz, Velloso passou pelo Felisberto para tomar o café do boticario.

Ao meio dia, apparecia invariavelente na botica, vinda da casa pegada, onde residia o Felisberto com a familia, uma negra velha com uma

bandeja cheia de chicharas, que collocava sobre o balcão. Era para os empregados e os amigos. Estes não faltavam (explicou Velloso, de uma feita, ao vigário) porque Felisberto nunca fizera beneficio a ninguém; além disso, porque tinha na lingua venenos mais violentos que os que se alinhavam nas prateleiras, os quaes não raro eram falsificados. A fina flor da sociedade candeense prestava-lhe todas as homenagens, a começar pela de que elle mais gostava — o acharem-lhe infinita graça nos ditos, nas pilherias e nos casos que contava, ainda que a não tivessem muita.

Velloso era um dos seus frequentadores: temia-o como commodista que não quer ter o trabalho de se aborrecer, de viver na contensão cansativa e lacerante das turras e rixas. Demais, (reflexionava) se fosse fugir de alguém pelo veneno que tivesse, de quem não deveria fugir em Candeias? Em troca o boticario poupava-o: apenas contava coisas hilariantes ácerca de certas exquisitices do velho advogado, que elle caricaturava sob os contornos de um character egoistico e original.

Já não se dava o mesmo com o vigário. Este, logo ao chegar á terra, pelo que viu, pelo que ouviu, deixou o boticario á porta do seu coração, ou, quando muito, só lhe permittiu entrada na antecâmara ou gabinete que dava para fóra, onde misericordiosamente acolhia toda a gente. O boticario, de seu lado, não gostou daquelle homem calmo, chão e doce, mas um pouco remoto, sim-

ples a ponto de parecer orgulhoso, bonachão mas fundamentalmente sério, com um olhar penetrante e sereno, que desconcertava. Começou então, desde logo, a pôr em curso coisas engraçadas a respeito do vigário — e Candeias ria-se.

Quando Velloso entrou, Felisberto, acostado ao balcão, a coçar o queixo e a pentear a barba com os dedos magros, o olho mortiço, a bocca molle, dizia qualquer pilheria a um grupo que se contorcia e babava, enxugando lagrimas, apertando a barriga. Vendo o bacharel, o boticario chamou-o :

— Olá ! Sirva-se de um cafézinho, descanse um pouco. Diga-me ! como vae o filho do padre ?

Velloso estacou intrigado. E Felisberto explicou, passando-lhe uma chicara :

— Aquelle mulatinho achado alli na egreja, outro dia, não sabe ? que cahiu do céu por obra do Espirito Santo...

Ouviu-se uma risada geral. Velloso riu-se com os mais, sem exaggero e sem ruido, mas tambem sem constrangimento apparente, e informou :

— O pequeno vai bem.

— Sahiu parecido com o pae ?

Velloso, sem se desconcertar, tomando o seu café :

— Mas quem é o pae ?

— Ora, ora, doutor Velloso...

— Quem é ?



— Sou eu. Está ouvindo? Eu! Fui eu quem mandou largar o bodinho, de manhan muito cedo, alli na porta da igreja, por uns excommungados de uns pretos que ninguem viu, de quem ninguem dá noticia... Qual, “seu” dr. Velloso, nisso tudo ha grosso... milagre! Quem não vê que ahi anda dedo... de Deus!

Velloso sorriu, abanou a cabeça, olhou para o ar, tornou a sorrir, e sahiu da botica aterrado.

No dia seguinte, passou pelo seu barbeiro, o Nicola. A loja estava deserta. Da porta da rua, porém, o bacharel avistou o artista, em mangas de camisa, a conversar com o Bernardino, seu vizinho dos fundos, através da cêrca de pau a pique. Bateu com o bastão no soalho, espantando o gato amarello do barbeiro, que se desenrodiou da cadeira de braços e elasticamente desapareceu pela janella.

— O’ “seu” Nicola!

O barbeiro voltou-se e veio de lá socegradamente. Ao entrar na loja, reconhecendo o bacharel, deu-se pressa, fez uma mesura, e sorriu:

— Bom dia, “signor dottore” Quer fazer a barba? Promptinho.

— Aparar.

— Sente-se. Vai num instante. Que novidades ha, “dottore”?

— Que eu saiba...

— Oh “dottore”, aqui entre “noise”: sabe o que estava dizendo o Bernardino, agora “meisimo”?

-- Que?

-- Que aquella "criandça" do vigario que é filha de elle co'a Rosa!

-- Como é que o Bernardino soube disso?

Nicola encolheu os hombros, parou a tesoura no ar, espichando a queixada angulosa, e accrescentou:

-- Acho que não "sará" verdade, eh "dottore"!

-- Claro que não. Pois você não vê que a Rosa, uma cincoentona horrenda... uh!

Aparada a barba, Velloso, que ficára calado todo o tempo, tomou um aspecto grave e bateu no hombro de Nicola:

-- Meu amigo, escute: essa historia da criança não é exacta. Brincadeira de algum engraçado. Não é verdade? Não repita isso, está ouvindo? não repita.

E como o barbeiro tentava excusar-se, ajuntou, sem o deixar falar, sacudindo-o fortemente com a mão sobre o seu hombro magro:

-- Escute "seu" Nicola: a pessoa que inventou essa historia nem falou na Rosa. Isso já é accrescimo, e accrescimo posto por esse fogueteiro, que embirra com o padre desde a grande festa do anno passado, porque o padre mandou vir os fogos de S. Paulo. Olhe, não diga nada, mas é isso. O Bernardino está-se vingando.

O bacharel pagou o serviço, poz o chapéu e, na porta, entre brincação e reprehensivo:

-- "Seu" Nicola, não passe adiante essas men-

tiras, que senão en conto ao vigario, você perde o freguez, e...

Nicola desfez-se em desculpas. Mas parece que não deixou de falar no caso da criança a toda a gente com quem se encontrou naquelles dias, ajuntando sempre: "Mas eu acho que não "sará" verdade, eh!"

E assim foi zigueza-gueando a atoarda pela villa, com graciosos colleios de regato adolescente.



VII.

Um domingo estava o padre na sacristia a paramentar-se para a missa, quando lhe vieram dizer que o sacristão adoecera. Procurou alguém que o acolytasse, e sem demora se lhe apresentou o professor Camacho, na sua sobrecasaca esverdinhada, amarello e hirtto como um defunto que não tivesse acabado de resuscitar.

— A's suas ordens, sr. padre.

— Muito obrigado, sr. Camacho. Ainda uma vez é o senhor quem salva a situação.

Camacho sorriu, com o ar contrito que tinha na egreja e mesmo fóra, salvo quando fazia brindes de mesa ou tocava requinta, e contritamente acabou de auxiliar a paramentação do sacerdote. Arranjou-lhe as pregas da alva muito

engommada, sob o cordão da cintura; poz-lhe a estola ao alcance da mão, endireitou-lhe a casula. O padre depoz o véu sobre o calice, pegou neste de encontro ao peito, baixou ligeiramente a cabeça, e foi para o altar, seguido do acolyto Camacho, e do Vito com o thuríbulo.

Os devotos, cá no corpo da egreja, edificavam-se na contemplação da modestia, da virtude e da polymorphica sapiencia de Camacho, professor de primeiras letras, advogado criminal, tocador de requinta, jornalista e, por fim, perfeito ajudante de missa. Era com supersticioso respeito que punham os olhos no seu dorso esquinado e no posterior da sua cabeça grisalha e piriforme, ladeada pelas conchas largas das orelhas como por duas alças.

Acabada a missa, Camacho auxiliou o padre a despir as vestes de celebrante e a guardal-as nos gavetões da sacristia, foi-lhe buscar o chapéu e o guarda-chuva ao cabide, foi com o Vito fechar as portas, e sahiram juntos o padre e o professor para o adro, a conversar. Camacho, visto de longe a conversar com pessoa de respeito, dava a idéa de um pombo: falava grosso e baixo, todo grave e suave, balançando a cabeça junto do interlocutor.

Padre Guilherme, muito tranquillo e bem disposto (quasi como uma senhora na doçura e na paz da maternidade recente) parou sobre as lazeas do adro, a contemplar com satisfação, através dos oculos grossos, o céu muito claro, os morros muito azues, as aves que aos chilreios

se banhavam na frescura luminosa da manhã, e os ultimos feis que se dispersavam por entre os compridos coqueiros da praça, respirando honesta alegria sob o bom sol do Senhor. E o padre, naquelle geito ligeiramente oratorio, de que o seu sorriso manso e natural era o correctivo immediato, exclamou :



— Eis ahi, eis ahi, sr. Camacho: paz e belleza na terra e no céu!...

Camacho não apanhou logo todo o valor da phrase proferida pelo padre, porque, enquanto este passeava o olhar sereno por perto e por longe, elle Camacho conservava o seu pelo chão. Entendeu-lhe, porém, o sentido logico e, tambem sorrindo, com o gesto despreoccupado:

— E' exacto, senhor padre, é exacto.

Deu uns passos nas pernas magras e, plantando-se diante do vigario, a abanar a cabeça:

— O peor é que esta paz na terra é illusoria! Os rostos sorriem, os corações rugem...

O padre julgou que Camacho pairava na esphera das generalidades e, quasi em tom de gracejo:

— O' sr. Camacho, não faça injustiça ás minhas ovelhas.

Mas o professor insiste:

— Não é injustiça, sr. padre, é a verdade.

O padre olhou Camacho com uma contração de sobrolhos, ainda a sorrir, comtudo, como a dizer: "Ora, esta! que é lá isso?"

— E' a pura verdade, sr. padre! As suas ovelhas, não todas, mas em boa parte, são mas é uns lobos!

E como o vigario se conservasse calado, a fixar-lhe os olhos nos olhos fugidios:

— Pois então é brinquedo isso que dizem de vossa reverendissima!

— De mim!... Que é que dizem de mim, sr. Camacho? Aquillo que já me contou, outro dia, não é verdade? Uns que sou pouco zeloso

das tradições festeiras da parochia, onde no tempo de padre Jesuino, de padre Antonio, havia a cada passo festividades de truz, com bandas de musica, com fogos de S. Paulo, ou de Sorocaba... Outros, que sou mais amigo da irmandade do Santissimo do que da irmandade de S. Benedicto... e coisas! Não é isso?

Camacho abanou a cabeça e esboçou um sorrisinho indeciso. Depois, levantando as sobrançelas e apertando os beiços numa caramunha de contrariedade, arrulhou:

Eu julgava que vossa reverendissima estava ao facto de tudo, e foi porisso que me atrevi a falar...

— Desembuche.

— Referia-me ao pequeno, ao engeitadinho, que as linguas perversas deram agora para assoalhar que é filho do sr. vigario...

Padre Guilherme baixou as sobrançelas hispidas sobre o olhar coruscante, enquanto ouvia o professor, e assim se conservou por um tempo.

-- Então dizem isso de mim?

Camacho fungou um suspiro.

— Por toda a parte, sr. padre.

-- Mas dá-se credito a semelhante infamia? Que character tem isso? De noticia certa? De boato vago? De pilheria? E quem é que o diz, sr. Camacho? a quem é que o senhor já ouviu dizer isso, sr. Camacho?...

O mestre-escola gaguejou umas evasivas. E o padre, pegando-lhe na manga e dando-lhe pequenos repellões:

— Dessas “minudencias” o senhor não sabe, hein! sr. Camacho... O senhor sabe que me calumniam, que me arrastam o nome por essas sargetas, mas não sabe mais nada, não viu, não percebeu... não quiz perceber mais nada!



E os olhos do padre fuzilavam por trás dos oculos sobre a cara parda de Camacho, que sorria amarello, mastigando phrases. Por fim, o padre largou-lhe a manga, deu-lhe costas e partiu, entre os coqueiros altos da praça, que balouçavam lá no alto os seus leques verdes e ciciosos, a velar o somno sereno da egrejola fechada.

VIII.

Padre Guilherme, como de ordinario procedia quando alguma coisa o preocupava, pensou logo em Velloso, e desceu a ladeira que ia da praça da Matriz para os lados do rio; despencou por ella, fazendo rolar pedregulhos ás topadas, raspando o chão aos escorregões.

A casa do bacharel ficava a menos de uma quadra do ribeirão das Almas: uma casa larga

e baixa, com quatro janellas a um metro do solo. A rua, alli, já era quasi simples caminho: em vez



de calçada, a casa tinha ao pé uma tira verde de capim e no lugar onde devera ser a sargeta a agua da chuva cavará uma bossoroca, que se ia dalli aprofundando e alargando quasi por todo o leito da rua, até bem perto do ribeirão. Entre essa fenda, onde os vizinhos vinham não raro despejar o seu lixo, e os lados da rua, onde dalli em diante não havia mais que umas cercas de pau a pique amarradas com cipó, corriam dois trilhos de cabra, aos corcovos e aos serpeios, ladeados de touceiras de barba de bóde, de juá bravo e de rubim.



Chegando a essa pacifica ponta de rua, onde só se via de quando em quando uma lavadeira que

passava, um pescador com a vara ao hombro, ou um grupo de meninos vadios, atirados a exercicios de natação e a caçadas de passarinho pelo mato, o padre parou fatigado e poz-se a contemplar aquillo tudo: a casa solitaria de ar pobretão e tristonho, mas tranquillã e acolhedora, os quintaes umbrosos, o céu de louça, a bossoroca por cujo fundo uma aguinha escorria entre canaliculos rasgados na areia, clara, fresca, desferindo limpidos reflexos em suas cachoeirinhas microscopicas. E teve uma saudade doída de seus annos de criança, em Pirapora, a brincar com outros pequenos numas pontas de ruas placidas e pittorescas, horas inteiras, de pés nús e de coração socegado...

Por fim, deu um suspiro e foi bater á porta do bacharel, cuja unica folha era mantida aberta por um tijolo. As pancadas do seu grosso guarda-chuva resoaram pelo interior da casa como por uma crypta. Ao cabo de longos minutos, o padre ouviu que vinha lá dos fundos um lento arrastar de chinellos; depois, entreabriu-se a porta que separava o corredor da sala de jantar e enfiou-se pela fiska a cabeça meio calva de Velloso. Reconhecendo o padre, Velloso escancarou a porta e o semblante, e os braços:

— "Benedictus qui venit in nomine Domine!"

— Está almoçando?

— Ia cômear. Almoçaremos juntos.

Padre Guilherme nada respondeu. Sem tirar o chapéu, foi ao pequeno lavatorio collocado a um canto da vasta sala, junto ao poial onde bojava o ventre humido do pote, com a sua con-

cha de côco em cima da tampa em fôrma de palmatoria. Encheu a bacia, lavou as mãos e, a enxugá-las, dizia ao amigo :

— Vá almoçando. Não quero nada. Sem fome. Venho só para lhe dar uma noticia.

Velloso, serenamente curvado sobre um frango loiro, a acaricial-o com os olhos ao mesmo tempo que o retalhava com a faca, suspendeu a operação e ergueu a cabeça.

— Uma noticia ?

— Uma noticia engraçada.

— Vejamos.

— Uma noticia que você não esperava : sou pae.

Velloso fincou os olhos na cara do padre :

— Que é que você está dizendo ?

— E' isso mesmo, sou pae. Ha pouco fiquei sabendo essa novidade, que já é velha em Can-deias. O Mathias, veja você ! é meu filho...

E o vigario ria amargamente, numa resignação fingida, palpando com a mão aberta o relevo ossudo da maxilla, para um lado e para outro. Velloso tinha a fluctuar entre a barba o seu sorriso bonachão. Depois de uma pausa, voltando-se para o padre :

— Saboreie este peito de frango... Olhe que tentação !

Padre Guilherme não reteve um gesto de impaciencia — empurrou o prato, em signal de recusa, e virou a cara. Velloso sorria. Mastigou tranquillamente o que conseguira arrancar de uma asa que sustinha entre as pontas dos dedos,

enxugou-as no guardanapo, e perguntou ao amigo :

— Mas você inquisilou-se déveras com essa historia?

Padre Guilherme confessou que experimentava um sentimento doloroso de revolta. Não sabia dizer bem tudo quanto se passava dentro delle : era raiva, era colera, era nojo, era desanimo... Vêr-se vilipendiado miseravelmente, de chôfre, quando ia mais contente e confiante pelo seu caminho ! E porque ? Por nada ! por uma boa acção que praticára ! porque recolhera nos braços um desgraçadinho, abandonado no chão como um animalinho importuno ! Eis ahí a sua falta !... a sua falta !... A falta de ser compassivo, a falta de não ser miseravel a ponto de rejeitar com o pé aquelle filho de Deus que a sorte lhe punha diante do passo ! E o que mais lhe doía ao padre era a estúpida, a opaca, a brutal injustiça que se fazia a toda a sua vida de seis annos em Candeias. Não havia na villa um unico individuo que o não conhecesse bem... Era como se vivesse numa casa de vidro... Gente venenosa e ingrata ! Cainçalha tinhosa e feroz !

Quando padre Guilherme acabou de falar, a Thereza, cozinheira da casa, vinha com a bandeja de café. Velloso tomou uma chicara, passou-a ao padre, pegou a outra e, mexendo devagarinho o assucar depositado no fundo :

— Padre, você tem razão de estar furioso.

O vigario, por uma especie de pudor sacerdotal, não gostou do termo e corrigiu :

— Furioso, não...

Velloso sorriu e emendou :

— Você tem toda a razão de estar... sentido. Mas, quer que lhe diga? bem se vê que você faz a sua estréia de calumniado. E olhe, pensando bem, na sua idade!...

— Está gracejando.

— Nem de longe, meu amigo. A mentira e a calúnia são o nosso pão espiritual de cada dia! São a nossa arma predilecta na luta da vida! São nossos utensílios de trabalho! São o mais innocente dos nossos brincos, o mais doce dos nossos passatempos! Mente-se e calumnia-se por odio e por despeito: é a furia destruidora do homicida transformada em energia errante, — menos intensa, porém mais extensa, e mais duravel. Mente-se e calumnia-se sem odio nem despeito; agrada, convém ao superior de "X" que "A" sofra a tortura de se ver pintado como um salafinario, exposto á risota e ao desprezo da multidão estúpida e cruel? Pois, alma de cachorro, "X" oferecerá esse prazer ao amo. Mente-se e calumnia-se por interesse, por calculo, por desfaztio, por descuido, por graça. Mente-se e calumnia-se por engano... E não só por palavras, mas também por pensamentos e obras! A mentira e a calúnia estão no ar que respiramos, estão na substancia do nosso espirito. São uma secreção regular da nossa alma. Padre, mente-se e calumnia-se até por virtude!

— Ora, essa! sussurrou o padre.

— Sim, por virtude — e são vocês, os sacerdo-

tes, os maiores responsaveis desse aperfeiçoamento. O homem, descendente degenerado do gorilla, estava fadado a ser um bruto feroz e leal, a ter a aggressividade rija, directa e explosiva dos grandes vertebrados, que lutam á luz do sol, atirando-se ao inimigo, sem ceremonias, sem disfarces, quando isso lhes dá na gana, mordendo, escoiceando, pisando, rasgando carnes, rebentando ossos, espalhando sangue, aos berros, aos guinchos, aos pinotes. Vieram vocês, e convenceram o bicho de que era preciso ser humano, ser humilde, ser desambicioso, ser compassivo, ser justo. Macaco caborteiro, o homem arrependeu-se então, gravemente, das culpas de seus semelhantes... E poz-se a corrigil-as com furia incansavel : aquelle roubou ! aquelle trahiou ! aquelle é adultero ! aquelle é avarento ! aquelle é falsario... O bruto ganhou em peçonha, em perversidade recolhida e fedorenta o que perdeu em brutalidade esbarrondante e sadia : já não assalta nem esquarterja o inimigo, amargura-lhe, commodamente, a existencia ; envenena-lhe os prazeres, se os tem ; aggrava-lhe as dores e as melancolias, que as tem pela certa ; põe-lhe um sabor de lama na agua que elle bebe, um cheiro excrementicio nos perfumes que elle respira ; entra-lhe pelo corpo com o pão que elle come, tornando-lhe duro e dissaborido ; precipita-se-lhe na torrente do sangue, e queima-o em febre ; fustiga-lhe as fibras reconditas dos nervos, e chama-se insomnia ; põe-lhe nos olhos as lagrimas que elle deve estillar em silencio, ás escondidas, e é então a amargura

que mata. E ninguém escapa! ninguém! Esse innocente, que você adoptou por filho, já entra na vida ferreteado na testa com o labeu de fruto de uma união damnada. Invejável destino!.. Você, entretanto, só agora, aos quarenta annos.. Não é a sua idade?

— Trinta e nove.

— Só agora, pela primeira vez, tem occasião de se revoltar contra uma calúnia! E como, além de tudo, essa calúnia não é das peores, você, afinal, não me sae daqui sem os meus parabens.

E Velloso, em seguida, poz-se a desfiar o rosario das calumnias de que já fôra victima em Candeias -- havia-as de todos os formatos e todas as côres. De repente, fazendo uma pausa, perguntou ao padre:

— Daqui aonde vae?

— Para casa.

— Quando sahir eu o acompanho para, alli adiante, em scenario adequado, lhe contar uma historia que vae achar divertida.

— Pois vamos lá.

IX

Perto da casa de Velloso, num terreno cheio de vassourinha, de cuja massa emergiam algumas laranjeiras andrajosas, carregadas deervas parasitarias, e alguns arbustos de jardim esgalhados e pensos, agachava-se um casebre de porta e janella. As paredes, rachadas aqui, esfuracadas alli, mostravam por toda a parte a fadiga po-

dre dos barrotes e ripas. A janella, pequena e baixa, estava arrombada, e por ella se via o compartimento da frente, de chão batido, com um resto de fornalha a um canto e todo negro de fumaça. Do tecto de telha van e dos caibros que se lhe cruzavam por baixo, tudo crespo de picuman e teias de aranha, jorravam, em varios sentidos, largas resteadas obliquas de luz doirada, pois o dia estava claro e lindo. Num dos lados do compartimento, outra janella escancarava-se para o quintal, e por ella espiava, como a querer invadir a casa vazia, um tufo de maravilhas roxas.



— Sabe quem morou ahi? perguntou Velloso ao padre.

— Tenho uma idéa vaga. Um latoeiro, creio...

— Não, um ferreiro. Conhece o caso desse homem e sua gente?

— Já ouvi qualquer coisa...

— Errada, sem duvida. Ninguem sabe como eu essa historia.

Alli morou o Manuel da Costa, um homem lá do litoral, de Cananéa ou Xiririca, sujeito exqu coastão, mas honrado e bom. Gostava de viver em casa, entre a forja e a família, e só o viam na

rua quando havia festa grossa na egreja, ou sessão de jury para que elle fosse sorteado. A familia era a mulher, — uma mulher pouco interessante, gorda e feia, com ares de virago, que fazia sequilhos para vender; um filho, o Paulo, de seus dezeseis annos, que o ajudava na tenda; e uma filha, a Rachel, criaturinha linda, com uns olhos muito grandes, uma carinha fresca e doce, a flor da casa. Nunca vi chefe de familia tão exemplar — tão severo e tão meigo, tão diligente e tão piedoso. Era o “pater familias” primevo, respirando uma barbara segurança do seu papel, satisfeito de carregar a sua gente ás costas, contente da sua suave e terrivel missão de povoar o mundo, e de dar aos filhos o pão e o ensino, provido e austero.

Tambem nunca vi casa mais feliz. De manhã muito cedo, passando-se por aqui, era certo vêr-se a Rachel, nos seus tamanquinhos e no seu avental de chita, a varrer a testada até o meio da rua, com uma vassoura de guaxuma, deixando alli um rectangulo de chão todo arranhado e brunido. Lá dentro, sinh'Anna, esperta, sacudia as banhas, a preparar o café, a ralhar com o Paulo que era



dorminhoco, a rachar lenha, a dar milho á criação, que entrava familiarmente pela casa a reclamar a ração matinal. E durante o resto do dia era a mesma actividade alegre e a mesma ordem.

Manuel da Costa vivia, desde o romper do dia até á noitinha, á beira da fornalha e da bigorna, com o seu avental de couro sobre a camisa de algodão, as mangas arregaçadas até o cotovello. A's vezes parava para descansar, chamava a Rachelinha, punha-a entre os joelhos, envolvia-lhe o rostinho na onda aspera das barbaças negras, perguntava-lhe coisas, mandava-lhe ler a cartilha, e alisava-lhe com a mão callosa os cabellos cõr de mel. E então a sua cara severa, barbaçuda, tostada pelo bafo da forja, ficava como a cara de um santo, de São Pedro ou São Paulo, veneravel e doce... O enlevo em que elle cahia, junto dessa criança !

Depois, mandava-a entrar, e voltava á forja, e gritava ao filho que não dormisse na corda do fole, e malhava, malhava sonoramente, repicando, a estremecer tudo, a despedir faiscas para todos os lados... E cantava. A casa era pobre, os petrechos primitivos, o piso de terra, o tecto de telha van, as paredes negras, mas alli dentro vivia a simplicidade, o amor e a saude. E o bom vulcano cantava, pontuando o canto a marteladas — e como estas e aquelle era tudo expansão da mesma força e da mesma alegria, podia-se duvidar se elle cantava por obrigação ou se martelava por prazer.

Quando não tinha muito que fazer (o que era raro) o ferreiro fabricava o que lhe dava na cabeça — umas rosetas de espora, para as offerecer a um amigo do sitio, uns ferrolhos de porta para o compadre Fulano. Aquella tenaz que eu tenho, com a qual a Thereza traz a você, ás vezes, uma braza para accender o cigarro, foi presente do Manuel da Costa.

Um dia, lembrou-se de fazer uma pulseirinha para a filha, coisa de brincadeira. Começou-a, numa hora de folga. Com o trabalho veio-lhe o desejo de aperfeiçoar a obra. A mão pesada, affeita ao serviço grosso de uma forja primitiva, os instrumentos imperfeitos de que dispunha, como que conspiravam para lhe quebrar a pequenina e graciosa ambição. Tomava um pedaço de ferro, afilava-o, polia-o, e tanto se esmerava que, de repente, eil-o torto, lascado, partido. Afinal, num momento de mais calma, sempre conseguiu bater e rebater uma vergazinha até deixal-a numa fita estreita e lisa. Depois, aproveitando com todo o cuidado outros momentos de socego, tornava a pegar a pulseirinha, e punha-se a repolir-lhe as asperezas, de vagar, de vagar, paciente e amorosamente. Ao mesmo tempo, forcejava por dar á curva do aro a maior suavidade possível, e só isso quanto lhe custou! quanta suada pachorra, quanta marteladazinha nas unhas! Afinal, um dia, deu por terminada a conformação, e tratou de fechar a roda ajustando por cima das duas extremidades unidas um annelzinho também de ferro, onde se abriam as quatro pe-

talas de uma flor chimerica, de sob as quaes partiam dois filamentos a enroscar-se pela haste da pulseira, até certa distancia, como gavinhas.

O trabalho que lhe deu esse arremedo de joia! O tempo que lhe levou! Lavrou-o, a principio, nas horas de lazer, como por brinco e distracção. Depois, foi entrando aos poucos pelas horas de occupação obrigatoria, e ao dar os ultimos retoques quasi não fez outra coisa, por muitos dias. Quando chamou a Rachel e enfiou-lhe no braço a sua linda pulseira, a filha estava com dezeseis annos... Tinham-se passado cinco.

Mas, como se não houvessem passado, a mocinha recebeu como menina a sua pulseira de ferro, e remirou-a encantada, como se houvesse ganhado uma pulseira daquellas que o Martinho, o mascate judeu, andava a vender aos ricos na sua caixa atafulhada de ouro e pedraria.

Por esta altura ausentei-me de Candeias. Negocios varios chamavam-me a S. Paulo, onde me demorei mezes. Nas vespersas do regresso, lembrei-me do meu amigo Manuel da Costa, e lembrei-me da Rachel. Fui a uma loja, comprei uma grande boneca para a minha amiguinha, que tantas vezes me servira um café aromatico, numa tigellinha de louça com riscas vermelhas e azues, alli na officina, onde ás vezes eu ia conversar com o Costa.

Voltei. Chegando á casa com as malas, imaginei que ia dar uma grande alegria á mocinha, que eu sabia que conservava o gosto de brincar com bonecas, pois via-a muitas vezes entretida a

vestir e desvestir umas pobres bruxas de trapo, com olhos de linha preta e bocca de linha vermelha, a cara chata e o corpo molle. Informando-me, porém, com a Thereza do que se passava cá na terra em minha ausencia, sonbe que a Rachel era morta... Senti um grande socco cá dentro.

Nada disse á Thereza, mas peguei na boneca, escondi-a em baixo do paletó e dirigi-me ao poço velho no fundo do meu quintal. Afastei a taboa que o cobre, e arremessei lá dentro a boneca, na propria caixa de papelão, como num esquite, com umas pedras nos cantos. A caixa bateu na parede limosa do poço, toda crespada de avencas, e cahiu na agua, abrindo uma infinidade de circulos concentricos, cada vez mais lentos na fuga...

Quando a agua voltou á serenidade, meu amigo, vi lá dentro o meu rosto, pallido, carregado, e tive a impressão de que alguem, de um outro mundo, severamente, me condemnava tanta puerilidade. Mas eu sahi dalli com o coração transornado.

Accusada por linguas damnadas de ser demasiado complacente aos agrados de um velhote (esse velhote era eu...) que "inexplicavelmente" lhe frequentava a casa e de repente "fugira" da villa sob esfarrapados pretextos, a desgraçadinha ficou numa grande tonteira, não soube sequer como se justificar, não teve mais coragem de apparecer a ninguem. O velho Costa, vendo a sua casa assaltada pela calumnia, e vendo sua filha enrolada na teia torturante, perdeu a cabeça, e procurou o autor da infamia para lhe enterrar

uma faca na cernelha; mas não encontrou senão portadores innocentes de uma noticia ouvida. Cahiú numa grande tristeza. Dias houve em que o foram encontrar sentado numa tripeça, calado, o olhar duro fincado no chão, o punho sumido na barba, junto da fornalha fria. E com isso a pobre rapariga ainda mais se desesperava.

Depois, um domingo, a Rachel aguardou a costumada visita do primo Eduardo, um rapagão que a adorava e com quem a casamenteavam desde criança. Penteou com vagar os cabellos cõr de mel, enxugou as lagrimas, calçou umas meias e o tamanquinho novo, e poz no braço a sua pulseirinha de ferro. Foi para a porta, encostou-se ao batente, e alli ficou, a enrolar e desenrolar o lenço de ramagens entre as mãos nervosas. O Eduardo não appareceu...

No dia seguinte, o ferreiro mandou accender a fornalha. Era preciso forjar — forjar o pão para a bocca.

Poz-se a trabalhar, trabalhou até a hora do café. Chegada essa hora, como de costume gritou para dentro: “Eh! Rachel!!” Ella já sabia... Dahi a pouco viria com a tijella fumegante, e com um pedaço de brôa ou uns doces seccos numa cestinha de taquara... Manuel da Costa gritou mais uma vez, a mão em concha junto á bocca, voltado para o interior da casa: “Eh! Rachel!...” E como ella ainda não viesse, largou o malho ao pé do cepo da bigorna, atravessou a casa deserta e foi falar á mulher, que lavava umas peças de roupa junto ao poço, no fundo do

quintal. A mulher também não sabia da filha, e perguntou surprehendida :

— Pois não está lá dentro?... Não está no quarto?... Não está alli em frente, no vizinho?

Sahi com o marido, a procurar, ambos numa afflicção extrema. Procura que procura, indaga que indaga, — depois de duas horas foram dar com a menina lá em baixo, numa curva do ribeirão, enroscada nos galhos de um ingazeiro que ainda lá se debruça por cima da agua: boiava como uma folha cahida... Perto, sobre um espinheiro, o seu chaile de lan cõr de rosa e, sobre elle, pousada delicadamente, a pulseirinha de ferro.

Manuel da Costa e sinh'Anna ficaram como dois fantasmas — vagueavam por dentro de casa, na sombra e no silencio, magros e doentes, a suspirar e a gemer. O Paulo sahiu á busca de emprego. A forja nunca mais se accendeu.

Mezes depois do desastre, aquelle ferreiro robusto como um touro cahia para não mais se levantar, desfeito por um sopro... A mulher não tardava a segui-lo.

A casa, posta em praça, não encontrou quem a quizesse. Dentro de pouco tempo começou a esboroar-se e a rachar-se, a encher-se de barrigas e corcovas. O jardimzinho alli ao lado, onde sinh'Anna cultivava uns canteiros de dhalias, sempre vivas e cravos — flores de pobre — mirrou, encheu-se de mato e de formigas. O poço esbeichou-se e revestiu-se de limo, afogado no vassoural. Um dia, meninos vadios arrombaram essa janel-



la. Hoje a casa é logar de divertimento para esses animaesinhos; e por ella entram com os meninos os tico-ticos e as corruiras; e as borboletas, aos pares, vêm namorar-se e bailar nesta ruina, no meio desta tranquillidade da natureza...

X

Padre Guilherme resolveu seguir o conselho e o exemplo do velho amigo, e não se importar com a infamia. Tratou de fechar comsigo o seu soffrimento e de continuar mostrando á humanidade de Candeias o mesmo semblante sorridente com que ella o vira até então. Ninguém mais, além de Velloso, ouviu uma queixa ao padre. O seu teor de vida não soffreu alteração sensivel. Sómente o seu sorriso já não tinha a transparencia de outróra, e a sua serenidade era uma serenidade de mascara. Os cantos dos labios, que ordinariamente se lhe embebiam no sulco redondo das bochechas, -descahiam-lhe agora, de leve, prolongando-se para baixo em dois riscos direitos; e o labio inferior avançava de um geito amargo e duro. Não raro, no curso de uma conversa apparentemente despreoccupada, elle pontuava as pausas e os silencios com suspiros entrecortados e engulidos.

Tudo isto, porém, eram coisas muito subteis, que Candeias mal percebia. Dos amigos do padre, só as percebia bem o perspicaz Velloso. Por isso, Velloso não se cansava de lhe proporcionar distrações. Visitava-o mais a miude que nunca, levava-lhe livros, inventava passeios, suggeria aos

amigos communs, gentilezas ineditas e redobradas para o padre.

Quanto a passeios, o vigario poucas vezes os acceitava. Embalde Velloso tentava fazer-lhe ver que o seu resentimento excedia a importancia do agravo. Afinal, com os diachos, o padre ficava sempre acima de taes porcarias. Nem toda a gente dava credito á infamia. E que dêsse ! Então para que é que servia uma consciencia limpa ?

— Por ter a consciencia limpa é que me revolto, Velloso (bradava o padre). Não, não me posso conformar com esta idéa de que a “minha” pessoa não é afinal “minha”, não me pertence, não é aquillo que eu quero que ella seja, aquillo que eu tenho o direito de querer que ella seja, aquillo que eu vivo a trabalhar toda a minha vida para que ella seja !... E essa idéa estúpida, essa idéa tragica é a realidade, a realidade objectiva, a realidade tangivel ! A “minha” pessoa é uma “coisa” comõ qualquer outra, é um objecto, é um traste, é um punhado de materia desprezivel que o primeiro ladrão apanha, desconjunta, torce e deforma á sua vontade, por desfastio, por malvadez, por pilheria, sei lá !...

Velloso sorria, deixava passar a onda de exaltação, e insinuava uma nova advertencia, ou repisava um conselho. Um dia, depois de cuvir os queixumes amarissimos do amigo, disse-lhe á queima-roupa :

— Padre, você ainda dispõe de um recurso que não está ao alcance de toda a gente.

— Que recurso ?

— A oração...

Padre Guilherme corou ligeiramente da lição daquelle “impio”, que era como lhe chamava. De facto, Velloso frequentava com perfeita regularidade as missas conventuaes e as grandes solennidades da egreja, mas (confessava-o ao padre) apenas “para dar uma toadinha á vidoca”.

— Tem razão, Velloso, mas era excusado o conselho, porque rezar, isso rezo eu todo o santo dia.

Velloso balbuciou imperceptivelmente :

— Não parece...

O padre, sentado na sua rêde, ao lado do amigo encovado numa poltrona de braços em S, poz os olhos no tecto, recostou-se de banda, e imprimiu com o pé um ligeiro movimento ao assento pênsil, que gemeu nas ferragens. Depois de alguns minutos passados assim, num silencio rendilhado apenas pelo ruido aspero e cadenciado dos ganchos da rêde friccionados pelas argolas dos punhos, o padre parou, enfiou os chinellos, e poz-se a dar passadas de um lado para outro da sala, as mãos nas costas, os sobrolhos contrahidos. Velloso, calado, entretinha-se com a sua boceta de rapé, de prata velha, presa entre as unhas longas do pollegar e do minimo, a fazel-a girar com a ponta do indicador. De repente, parando diante do amigo, o vigario poz-lhe a mão no hombro e murmurou, num tom de confidencia dóida :

— Velloso, não sei se lhe diga... Olhe, eu tenho soffrido tanto com este negocio, tenho soffrido tanto !...

Velloso apanhou no ar a dolorosa confissão, que ainda não descrevera o vôo completo, e esganou-a.

— Não diga mais nada.

O padre baixou a cabeça, e franziu o rosto num suspiro estrangulado, que lhe veio estremecendo a arca do peito, a garganta e a cabeça. Velloso levantou-se também e, com voz meiga, mas firme :

-- Que culpa tem Deus de que você exaggera a sua sensibilidade ? Você é que devia ter a força de desprezar o que é desprezível ; mas não desprezar de gesto e de palavra, — desprezar de toda a vontade, de toda a alma, num desprezo integral e sereno... Você não tem essa força, e padece... Mas reconheça ao menos que também esse padecimento é providencial. Nós nos orgulhamos facilmente das nossas boas partes ; e aquelle que se compraz em reconhecê-las em si mesmo, já desmereceu um pouco, só por isso. A má lingua chama-nos à realidade, força-nos a ser modestos, a juntar ainda uma qualidade, preciosa entre as mais, ás qualidades que já possuímos...

— E de que servem essas qualidades todas, que têm de se alimentar do mal que dizem dellas ? gemeu o padre.

Velloso, meio desmontado, apenas replicou :

— De nada...

... Não servem de nada (repetia o bacharel consigo, logo depois, parado diante da janella

que dava para a rua). Isto de concepções mo-
raes nada têm que vêr com a vida. Eis ahi a
vida...

Approximou-se da janella e escancarou-a. En-
trou por ella uma caudal de luz doirada na sala
escura, e um quadro maravilhoso se alargou a
seus olhos extaticos. Primeiro a massa irregular
dos telhados da frente, em tintas queimadas de
bistre e de sépia. Sobre ella, dois corvos se dis-
putavam uma longa fita de carniça, aos pulinhos,
abaixando e erguendo desgraciosamente as asas
e os pescoços, como aves empalhadas que de re-
pente se puzessem a imitar a vida. Logo por
trás, umas grandes ondas de vegetação forte, ar-
vores ramalhudas de um velho pomar, entre cujas
copas, umas densas e escuras, outras esparsas e
leves, passavam e repassavam asas e entrecruza-
vam-se trinados, pios e chilreios, longos e tremu-
los, sobresaltados e agudos, languidos e interro-
gativos...

Mais para além, uma grande superficie verde-
clara arredondava-se como o esboço de um ven-
tre colossal, e logo adiante se arremessava em
arestas e em grimpas, num impulso vivo de ma-
teria em ebulição repentinamente solidificada, uma
cadeia de morros azues, cujos contrafortes e des-
vãos tomavam uns tons violaceos e transparentes
sob a forte claridade do céu profundo. Das
vizinhanças, no silencio da rua deserta, vinham
arrulhos de pombos que andavam pelos telhados.

Velloso achegou-se mais á janella, abriu os
braços de encontro aos lados, e mergulhando-se

tudo naquella delicia, exclamou para dentro de si mesmo :

— A brutalidade magnifica e feliz da natureza !... Porque os homens não haviam de ser assim, integrar-se nesta symphonia, e afogar a sua consciencia miseravel nesta divina estupidez !

Despedindo-se do padre, Velloso sahio a percorrer lentamente os arrabaldes de beira-rio, uma guirlanda de lindos aspectos tranquillos e harmoniosos — “a unica harmonia de Candeias”.

XI

Um domingo, acabada a missa, padre Guilherme foi para casa e, como habitualmente, lá encontrou sobre a sua mesa de jantar a “Gazeta de Candeias”, jornalinho de pouco mais de palmo, “literario e noticioso”, dirigido por Albano Gomes, mas de facto orientado e escripto por Salomão Camacho, o mestre-escola. Leu-a ao almoço. Pouca materia : quatro noticias locais, outras tantas da Côrte, algumas de São Paulo, umas “Variedades” de almanaque, e um pequeno artigo — “Anniversario natalicio”, que rezava assim :

Ainda é recordado com saudades por toda a sociedade candeense, assim do “high-life” como das classes mais modestas, o illustre sacerdote e emerito prégador, o revdmo. sr. frei Antonio Jeremias de Sant’Agueda, que ha mezes nos visitou, no seu arduo e santo mister de missionario.

Verdadeiro typo de ministro da sublime religião do Martyr do Golgotha, o redvmo. frei Antonio allia ás suas peregrinas virtudes de apostolo os dons de um intellecto

magestoso como o de Mont'Alverne e outras aguias da palavra que sabem agradar e convencer ao mais exigente auditorio.

E', pois, muito differente de certos ministros de Christo que, ou por falta de competencia, ou por excesso de commodismo, não gostam de subir ao pulpito e ensinar ás almas sedentas de verdade a verdadeira doutrina de nossa santa religião, que tantos transviados necessitam della não só para sua salvação como tambem para serem elementos uteis á sociedade.

Além de tudo, o revdmo. sr. frei Antonio é excessivamente modesto, não se dedignando de attender com angelica bondade todos que delle se approximam, quer por necessidade, quer por mero prazer, sem distincções de fortuna, de posição social ou de côr. Todos encontram no virtuoso capuchinho a mesma attenção, sem as soberbias que tão mal assentam em certos levitas, aliás bem precisados, quem sabe, da tolerancia e magnanimidade dos homens sensatos.

Defluindo hoje a data natalicia do venerando 'prégador, a "Gazeta de Candeias", que nunca se esquece de prestar homenagens a quem na sua consciencia merece-as, envia a frei Antonio Jeremias de Sant'Agueda muito saudar, desejando-lhe «ex-imo» ainda longos annos de existencia com as bençãos do céu.

Padre Guilherme nunca soube que o autor desse artigo, que não podia ser outro senão o professor Camacho, fosse tão amigo de frei Antonio. Frei Antonio fôra hospede do vigario, havia cinco ou seis mezes, e passara menos de uma semana em Candeias, onde nunca estivera anteriormente... Era, pois, com alguma estranheza que o vigario presenciava aquella torrente de encomios, tão calorosos e tão inesperados.

Não tardou que Velloso apparecesse. Falou-lhe no artigo e na sua surpresa.

— Já li. Não ha que estranhar. Você, padre, é como lhe digo sempre, você vive fóra deste mundo... Olhe, quando vir um cavalheiro muito entusiasmado com um seu semelhante, a tecer-lhe panegyricos ardentes, póde estar certo, noventa vezes num cento, de que esses elogios são feitos "contra" alguém. Isto na hypothese sympathica de que não se trate de meras adulações ! "Elles", em regra, são incapazes de abrir a bocca para louvar um individuo, se a pena de o fazer não é compensada ao menos pela esperança de machucar com isso um outro individuo. Demais, meu caro reverendo, a intenção desse Camacho é tão clara !

— Acha?

— Mas entra pelos olhos, meu amigo ! Frei Antonio Jeremias é apenas um veneravel cabide, onde esse mono imbecil dependura as qualidades de que despe o vigario de Candeias. Pois você não viu logo isso ?

— Desconfiei.

— O maroto procede justamente como meu pae — santo homem ! — quando eu fazia alguma das minhas, em pequeno. Se eu fugia da escola, se me ia ás guabiobas com a molecada do meu tempo, se não apprendia a lição de catecismo, ou se brigava com os meninos da vizinhança no jogo do pinhão ou do pião, meu pae, em regra, não me castigava pelos processos ordinarios. A' hora das refeições, quando aos pequenos não era permittido arredar pé da mesa, meu pae fazia, simplesmente, o elogio dos pir-

ralhos vizinhos, da minha idade : elogiava todos, até os peores, catando nelles as virtudes que a seu vêr me falleciam, catando-as com a pachorra de quem catasse piolhos na gadelha dura de um bugre... E como eu soffria !... Esse processo, depois o verifiquei, é universalmente adoptado — entre os adultos. E' o processo que lhe applica o nosso illustre Camacho. Não ha neste artigo uma linha, uma phrase, cujo avesso não se projecte sobre a sua pessoa...

Padre Guilherme quedou-se edificado. Depois de uma longa pausa, sorriu acremente, e declarou a Velloso :

— Tem razão... Agora me explico, veja você ! agora me explico o formidavel elogio que elle me fez, o Camacho, nesta mesma "Gazeta", ha tres para quatro annos, quando brigou com o juiz. Como deve lembrar-se, eu e o juiz, sem sermos propriamente inimigos, não nos podiamos approximar, porque elle era um character autoritario e eu, um character resistidor. Espiavamos-nos de longe, com pouca sympathia, mas com mutuo respeito, e iamos vivendo. Um bello dia, Camacho rompe com o juiz, e passa-me um tremendo elogio ; eu era, positivamente, a primeira personalidade de Candeias, e a todos os aspectos... Nunca pude saber o motivo de tamanha gentileza. Sei-o agora.

E o padre quedou-se silencioso, com a cara amarrada, a ruminar mais essa decepção retrospectiva.

XII

Deixando a casa do padre, Velloso sahio a meditar na transformação extraordinaria que se passara na alma do seu amigo, desde o maldito incidente do enfeitadinho : fôra um terremoto. Resolveu ir á redacção da "Gazeta", a vêr se evitava maiores dissabores. Camacho era o homem de mais talento no município, e tudo se deve esperar de um homem de talento que está convencido de que o é, e que tem rancores a pôr em dia.

A «Gazeta» era composta e impressa na propria casa de Albino Gomes, rua da Constituição, perto do Cemiterio. Caminhando para lá, Velloso matutava nas razões que teriam levado — não Camacho a escrever o artigo, porque isso estava sufficientemente esclarecido pelo incidente do adro, que o padre lhe contara, mas o Gomes a consentir na publicação. Cauto e calculista, Gomes teria impugnado o artigo, mas Camacho haveria insistido. A Gomes não lhe convinha perder o unico homem que em Candeias era capaz de encher, regularmente, e com proficiencia invariavel, todas as semanas, as duas paginas que na «Gazeta» se reservavam á redacção.

Depois, Gomes era parente chegado do fogueteiro, detrator contumaz do vigario desde o caso dos fogos encommendados para S. Paulo — e não ha nada que facilite e promova a união de duas almas como os laços cordiaes de um odio commum.

Chegando á typographia, Velloso, por fortuna, encontrou o estabelecimento funcçãoando. Ao bater á porta, ouviu lá dentro o ranger do prelo, e alegrou-se. Veiu abrir-lhe o proprio Gomes, com as mangas da camisa presas acima do cotovello por elasticos, e a cara escorrendo suor entre os tócos crescidos da barba.

— Ainda atarefado com o jornal de hoje ?

— Ainda. Entre, doutor.

Velloso entrou para a typographia, onde entre caixotins alinhados junto ás paredes se erguia o vulto gothico de um velho prelo, que era pouco mais que uma grande prensa com rodas. E Gomes, enxugando a testa na manga, accrescentou com a mais tranquilla naturalidade :

— Estamos acabando a tiragem. São trezentos e vinte e cinco exemplares. Candeias cresce.

— E com ella a alavanca do seu progresso, amigo Gomes. Pois é tocar para diante... Mas escute. Vim ver se você me arranja os ultimos numeros do «Monitor». Não o recebe ?

— Recebo. Já lh'os dou, com todo o prazer.

Deslisando, habilmente, de assumpto para assumpto, Velloso voltou aos dominios privados da «Gazeta», louvou-lhe os progressos, a feitura, o criterio dos seus artigos, a graça das suas «Variedades»... Aqui, Albino sorriu modestamente.

— O doutor lê aquillo ? Eu faço essa coisinha por passatempo, nas horas vagas, colhendo aqui, colhendo alli, por jornaes e almanaques... O caso é que tem leitores, principalmente ahí pelas familias.

— Mas em grande numero, meu amigo.

Depois, Velloso referiu-se, como se se tivesse lembrado disso no momento, ao artigo dedicado a frei Antonio Jeremias.

— Muito bom, e justo. Mas houve quem lhe achasse uma certa intenção de alfinetar o nosso vigario...

Gomes protestou que não. E, muito innocente :

— Alli não se fala no vigario, nem se allude individualmente a ninguém. Onde é que descobriram a alfinetada ? Agora se a carapuça lhe serviu, a culpa é que não é nossa !

— Em todo caso você reconhece que ha uma carapuça, que podia servir ao padre.

O impressor tartamudeou evasivas. Velloso mudou de assumpto. Lembrou a impressão deixada pelo artigo sobre a Paixão do Senhor, na Semana Santa, — o melhor artigo, talvez, de Camacho inteiro, e que por signal fôra calorosamente louvado pelo vigario. Discorreu sobre as tremendas difficuldades com que luta a imprensa neste paiz onde o povo é analphabeto e onde os mandões são, geralmente, peores que analphabetos, porque nem sequer são analphabetos perfeitos. Por fim, alisando a copa do chapéu na manga do paletó, como quem se aprestava a partir :

— Pois muito obrigado pelo «Monitor»! Até breve.

E, na porta da rua, até onde o acompanhara o dono da casa :

— Olhe, seu Albino, devo-lhe varias obrigações, quero-lhe dever mais uma: poupe-me o vigario.

— Mas, doutor, não demos uma linha contra o vigario.

— Acredito. Mas a impressão que se tem é que vocês visaram ao padre.

— Não, senhor, ninguém pode...

— Perfeitamente, «seu» Albino. Mas escute, peço-lhe que evite daqui por diante a publicação de qualquer coisa que possa dar a idéa, embora muito vaga, de uma remota censura ao vigario. E sabe porque? Porque anda doente, coisas do estomago e de rins, uma complicação, está ouvindo? Para que é que havemos de agravar a afflicção ao afflicto?

— Nós nada fizemos para isso, doutor.

— Bem sei, bem sei. Até logo. Volte ao prelo, dê luz a esta gente. E mande buscar lá em casa, quando quizer, o «Lunario Perpetuo» que lhe prometti. Pode-lhe ser util para as «Variedades».

— Oh! sr. doutor, muitissimo agradecido! exclamou o typographo, numa reverencia ao bacharel que se afastava de vagar, assoviando des-preoccupadamente entre a barba grisalha.

XIII.

Os ternos cuidados de Velloso nada adiantaram. Padre Guilherme, cada vez mais amofinado e sorumbatico, — a vida mortíça de Can-deias facilitava a hipertrophia da idéa fixa, — tomou, de repente, a resolução de se ir embora.

Embalde Velloso tentou desconvencel-o, embalde lhe representou em varios modos e tons a sem-razão e os inconvenientes de tal passo. Ir-se-ia em breve para a capital, onde contava descansar uns tempos com velhos companheiros de estudos, até vêr que destino dava á sua vida.

— Pois vá, e depois volte.

— Nunca.

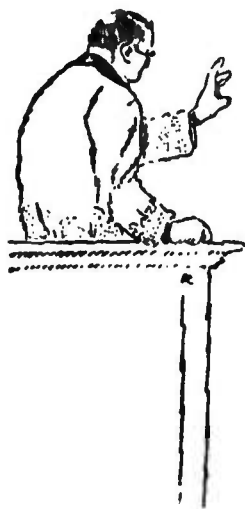
— E o pequeno?

— O pequeno ahi fica com a Rosa. Deixo-lhes a casa e os trastes, com a condição unica de ella continuar a cuidar do menino. De longe, como puder, ainda velarei por elle. Talvez um dia possa mandal-o buscar para fazer desse pobrezinho alguma coisa... Imagine a minha saudade, Velloso! Deixo-o com um anno quasi completo... Mais que o tempo de uma gestação. E', legitimamente, um filho adorado das minhas entranhas espirituaes, gerado pelo meu coração... filho pelo qual eu tenho um amor de pae e de mãe...

Aqui, por um momento, padre Guilherme recobrou o gosto antigo do tom ligeiramente oratorio, e concluiu com a mão no hombro de Velloso, a sorrir contrafeito :

— A mim me são vedadas as boas e doces affeições humanas... Tenho de ser um fantasma sem musculo, uma doutrina encarnada, um feixe de syntheses e abstracções, um respeitavel comediante da bondade e da perfeição...

— Que não existe! atalhou Velloso.



No primeiro domingo, em breve pratica, feita com acompanhamento de lagrimas pelo Chicão, padre Guilherme communicou aos parochianos que se retirava de Candeias, apenas chegasse o substituto que solicitara. O povo escutou-o com ar de surpresa e magua. O professor Camacho, muito direito na sua sobrecasaca rapada, as mãos juntas a segurarem sobre o baixo ventre o lenço vermelho de ramagens, tinha um ar solenne e compungido. Quando o vigario terminou, correu por todo o templo um murmurio abafado, entre cujas ondulas espipocavam gemidos de beatas lacrimosas.

No domingo seguinte foram as ultimas despedidas. A «Gazeta de Candeias», generosamente reconciliada com o padre, mercê da intervenção de Velloso, dera um artigo sobre a pessoa illustre do virtuoso vigario e suas obras de religião e de caridade em Candeias — o novo sino, a imagem de Nossa Senhora restaurada, os reparos no côro e no baptisterio, a aula de catecismo instituida havia quatro annos com tantos frutos espirituaes e as esmolos, as infinitas esmolos feitas em silencio... O artigo, já se vê, era de Camacho, que se esmerou no estylo—aquele estylo floreado do artigo sobre a Paixão, de que o padre gostara «immensamente» segundo lhe

disse Albino Gomes, que o ouvira ao doutor Velloso... Com esse artigo, com a presença das irmandades incorporadas e com a criançada do catecismo a encher de flores a escada do altar, tudo estava preparado para um grande exercicio geral de prantos. E houve muitos prantos, discretos, porém.

Depois, Velloso dizia ao padre :

— Afinal, você é quem tem razão. A sem-razão é muitas vezes mais razoavel do que a sabedoria. A sem-razão é a vida. Você, reagindo, vive. E' um erro a sua sahida de Candeias. Bembitto erro ! Boa maneira de fazer um gesto largo e salutar de desprezo e de colera... Não adianta, nem a você, nem a ninguem... «Elles» não fizeram por mal — foi porque tinha de ser... Ninguem é mau, o que é mau é a burrice de uns, a leviandade ou a fraqueza de outros, a ras-teirice e estreiteza em que tem fatalmente de viver o rebanho humano... Você comprehende isso, mas não se conforma. Bemdito disparate. Você vive... Para as dôres da vida, as consolações da vida. Morderam-n'o ? Você dá um pontapé, e retira-se. Isto lhe aquece a alma melhor do que quanta reflexão sabichona... Ao passo que eu, ai ! meu caro... Como é triste, meu amigo, como é immensamente triste comprehender tudo, e tudo perdoar !

XIV

Quando o padre partiu, após um abraço que durou minutos, Velloso entrou em casa meio tonto, com uma dôr muito funda lá dentro do peito.

A Thereza comprehendeu o que se passava e, interessada :

— “Seu” padre foi-se embora, não é, “seu” doutor ?...

— Foi-se, Thereza... E’ isso. Vive a gente a malhar e a polir, num eulevo, annos a fio, a sua pulseirinha de ferro... De repente, zás !...

E, entrando para o quarto, onde se ia encerrar para que não lhe vissem as lagrimas :

— .. a marcha bruta e impassivel da vida esmaga, tritura e dispersa tudo... E quem olha o pequenino objecto, e brinca com elle entre os dedos, não imagina sequer o mundo de illusões e de dôres que coube dentro dessa minuscula circumferencia...

XV

Tres mezes depois, Candeias já tinha esquecido o antigo vigario, e já em torno do novo vigario a vida tecia a sua teia implacavel. Chicão continuava, muito entretido, — na villa, com os seus deveres de sacrista ; no bairro onde residia, com os seus amores vagabundos e cautos por aquellas barrocas e matos... De repente, a esposa de Chicão, desconfiada, fareja um dos crimes da metade, coisa velha, persegue-o, descobre-o, queixa-se aos irmãos, dois caboclos duros, e arma-se um grande reboiço com muita pinga, muito choro, muita descompostura, varias porretadas e facadas. No fim, tudo se esclareceu na policia. Chicão ha muito que desfrutava a macia passividade de uma mulatinha meio sarambé, meio

caborteira, e della houvera um filho. Caborteiros ambos, combinaram, a conselho da Rosa, a cozinheira, esperta como um doutor, largar o petiz nas mãos dadivosas e puras do padre. Tudo eram beneficios nessa solução: livrava-se Chicão das iras da esposa, forrava-se a mulata ao castigo possivel do pae, ganhava a criança um protector capaz de a fazer feliz, coitadinha! Assim, um dia, muito cedo, Chicão pegou no pequeno fardo, atravessou em silencio a villa silenciosa, e foi largal-o, com uma chupeta na bocca, á entrada da egreja. Depois, chamou o Vito, pô-lo de guarda ao templo, recommendando-lhe, com uma carranca imperativa, que não sahisse da sacristia, e foi chamar o padre... O resto sabe-se.

Candeias achou immensa graça á finura dos brutos, e riu-se regaladamente da peça pregada a padre Guilherme de Menezes.

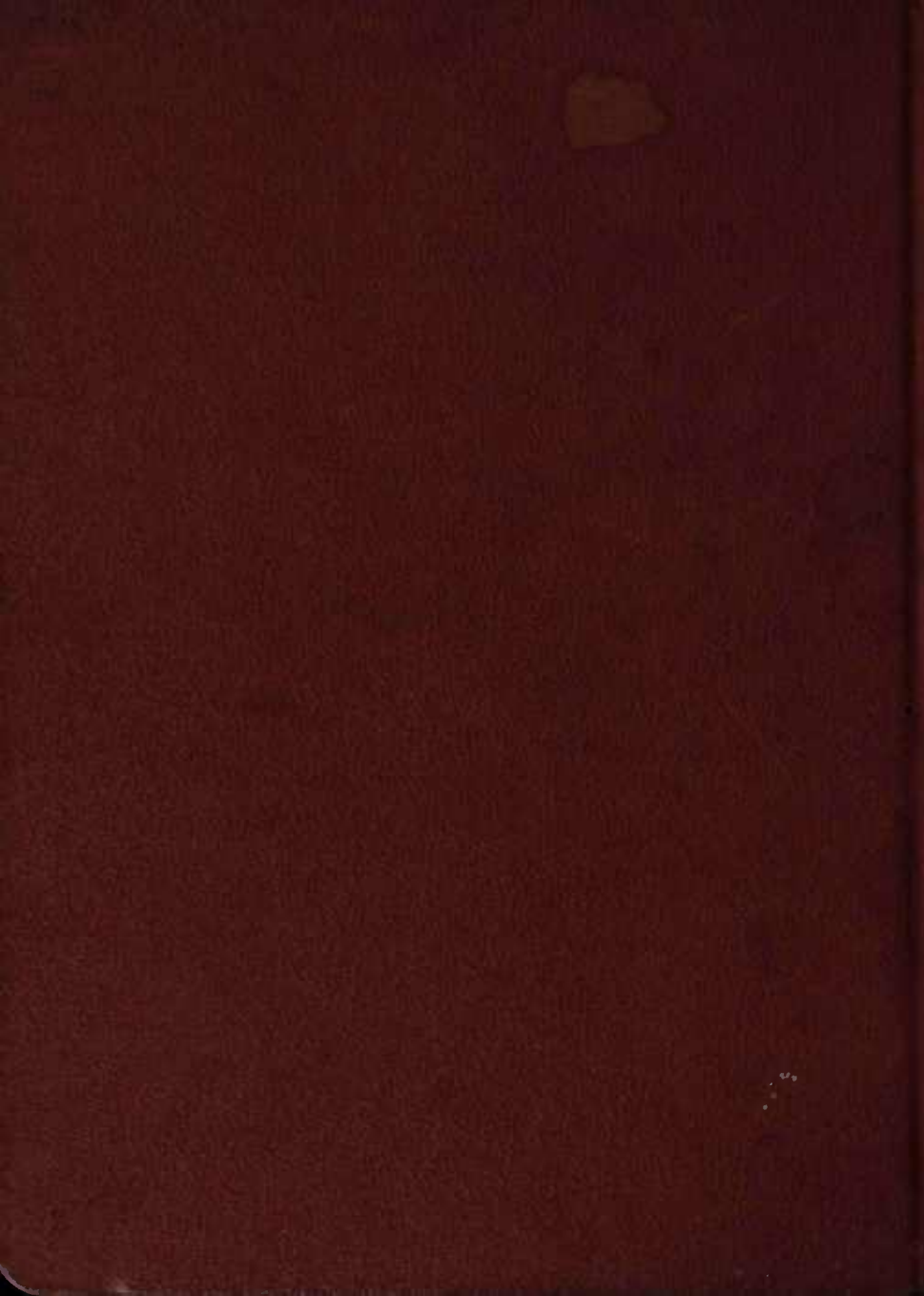
S. Paulo, Maio de 1919.



FIM

ERRATA: Na revisão deste volume escaparam, além de outros pequenos erros typographicos, os seguintes: Na pagina 39, linha 27, onde se lê: «tornando-lhe duro, etc». — leia-se: — «tornando-lh'o duro, etc». E na pagina 46, linha 4, onde se lê: «do que se passava cá na terra, etc». — leia-se: — «do que se passara cá na terra, etc».

JM



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).